



**OS DESAFIOS DO PROFESSOR INICIANTE NA REDE PÚBLICA
MUNICIPAL DE GOIÂNIA: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO
AMBIENTE ESCOLAR**

Paula Junqueira da Silva – Universidade Estadual de Goiás/ RME de Goiânia

paula_junqueira@hotmail.com

Jackeline Silva Alves – Universidade Estadual de Goiás

jackgeo17@hotmail.com

"Tornar o amor real é expulsá-lo de você para que ele possa ser de alguém"

Nando Reis

Poderia esta epígrafe começar uma carta de amor: ser a mesma uma manifestação de sentimentalismo barato de uma grande paixão que não deu certo. Ser um depoimento de alguém decepcionado porque viu o sonho de um relacionamento perfeito se definir pela falta de reciprocidade entre os pares. Contudo, pensamos que estas poucas palavras querem dizer ao mundo "CHEGA! Cansei de sofrer por quem não se importa com minha dedicação!".

Sim! É isto mesmo! Esse refrão da música do cantor e compositor Nando Reis nos remete a pensar e sentir o quanto é difícil aprender a gostar de alguém ou de algo e não receber o mesmo. Neste artigo, compartilhamos as nossas angústias como sofredores utópicos, pois muito do que a letra desta música trata traduz em parte a frustração de uma série de educadores apaixonados pela profissão que não encontraram na sala de aula, durante o ofício de professor, a reciprocidade esperada de um relacionamento saudável entre professor x aluno, professor x professor e aluno x aluno.

O panorama que temos é de colegas professores cansados de tentar mudanças no sistema educacional ao longo da história da mesma, e que por quase nada conseguem cruzar seus braços frente aos problemas dentro da instituição, fecham as portas de "suas" salas de aula, e lá dentro tentam solitariamente cumprir ao menos a burocracia do

papel legitimado à instituição escola: dão os seus conteúdos procedimentais, passam no quadro e avaliam seus alunos através do terrorismo das notas...sendo a obtenção de notas o único e último recurso utilizado pelo profissional da educação para conseguir, minimamente, cumprir o seu dever burocrático na escola.

De acordo com Kaercher (2007, p. 27-31), a partir de observações realizadas pelo autor em sala de aula,

A maior recorrência nas muitas observações em sala de aula é a relativa ausência do professor enquanto sujeito condutor do processo pedagógico. Muitas vezes, há quase uma omissão. O professor está mais para um agente burocrata que evita, às vezes sem conseguir, o excesso de barulho, do que alguém que instaura o [...] o conflito, a tensão cognitiva entre ele e os alunos; tensão entre o modo de pensar entre o 'antes' e o 'depois' da explanação do professor.

Assim, a discussão apresentada é uma reflexão preliminar sobre impressões do ano letivo de 2008 na Escola Municipal Bom Jesus em Goiânia/GO, e da Escola Municipal Jalles Machado Siqueira no primeiro semestre de 2009, durante a experiência de ensino de Geografia na rede pública municipal. Destacamos os desafios enfrentados pelos professores iniciantes lotados nas escolas municipais após o concurso público do ano de 2007.

A experiência vivida tem nos revelado as multifaces dos espaços de ensino público: a escola do Ciclo de Aprendizagem e Desenvolvimento Humano tem sido para os educandos, território da libertinagem e da territorialidade dos diferentes cotidianos experienciados por estes indivíduos fora do ambiente escolar.

Em especial nas salas de aula do Ciclo II, percebemos que o processo avaliativo contraria não apenas a dinâmica escolar mais também as atuais concepções teóricas sobre a didática e a prática de ensino em Geografia.

Poucas são as circunstâncias em que o professor consegue com sucesso ministrar a aula por ele planejada, explanar o conteúdo proposto e de tal modo conduzir o educando a uma linha de raciocínio, ou seja, conduzir a produção do conhecimento.

Tendo como referencial latente na escola a (*in*)disciplina dos educandos, normalmente não é possível desenvolver, de modo satisfatório, uma avaliação que possibilite conciliar conteúdos procedimental e atitudinal: vez ou outra o professor consegue transformar a (*in*)disciplina dos educandos em objeto de discussão (tema gerador!) e induzi-los a pensar sobre o papel da escola na formação do indivíduo e este como o organizador da sociedade e da natureza.

O exercício de "pensar", contudo, demonstra ser um "sofrimento" para esses indivíduos. Por ser uma prática pouco estimulada na escola pelos professores, haja vista o comportamento desorganizado dos educandos quando chamados a darem suas opiniões, o movimento de pensar, julgar e argumentar é considerado árduo e desnecessário segundo os mesmos.

Citando Kaercher (2007, p. 32):

As escolas parecem mais preocupadas em ocupar seus alunos dentro de uma linha mecanicista do que fazê-los desenvolverem seus potenciais cognitivos e criativos de uma forma mais estimulante.

A partir desse ponto de vista consideramos que a construção do saber autônomo pelo indivíduo está limitada à opinião do professor e ao livro didático (claro para aqueles alunos que estão dispostos a escutar o professor e a folhear o livro!). Assim, pensamos que a nossa utopia consiste em pensar estratégias curriculares que façam da escola um espaço de democratização do saber, tendo em vista que os atores principais (alunos e professores) encontram-se em um estágio de desencanto.

Destacamos a percepção do professor de Geografia em relação à busca de uma educação inclusiva, do tratamento das questões étnico-raciais, dos aspectos da indisciplina dos educandos e a prática da Educação Ambiental (EA) na escola.

Juntos estes quatro tópicos fazem parte do conjunto de desafios da escola brasileira, para que o processo de ensino-aprendizagem cumpra o seu objetivo: tornar o indivíduo um ser crítico no espaço em que ele habita e consciente de que o uso de seu livre arbítrio refletirá na construção da sociedade da qual faz parte.

A educação é de forma bastante peculiar a educação geográfica deve ser libertadora do ser humano, valorizadora das atitudes individuais e coletivas. De tal modo, deveria propiciar a tomada de consciência dos educandos sobre a aceitação das diversidades e das semelhanças culturais e fisionômicas entre as pessoas e também entre os objetos no meio ambiente.

Trazemos assim, um estudo de caso sobre as dificuldades estruturais da rede de ensino pública, das limitações profissionais e psicológicas do professor e das realidades e perspectivas distintas dos educandos ao adentrarem no ambiente escolar, revelando a dificuldade do *educador* em lidar com os rastros da violência (física, verbal e emocional) que marcam as raízes históricas da sociedade brasileira.

Consideramos que na escola a construção dos laços de fraternidade e solidariedade deveria ser à base de uma disciplina, instrumento facilitador da

organização do saber e, portanto, a chave para a autonomia do saber pensar e saber fazer.

Neste curto período de experiência de trabalho na rede municipal de ensino de Goiânia, como muitos outros colegas, temos nos decepcionado constantemente.

Nesse sentido a avaliação somativa que classifica o indivíduo a partir da práxis meritocrática (FERNANDES e FREITAS, 2006) é instrumento utilizado pelos professores para cumprirem sua função profissional. Durante o ano de 2008 a experiência de simulados na escola tem contribuído para reforçar o quantitativo do que se ensina e o que se aprende: professores isolados elaboram suas provas para comporem a apostila de "verificação bimestral de aprendizagem".

A avaliação formativa, portanto, ainda está longe de ser uma prática neste ambiente escolar. Este tipo de avaliação espera que seja uma atividade orientada para o futuro, individualizando sempre os percursos da aprendizagem, reorientando sempre as possibilidades de aprendizagem do indivíduo, exercitando a auto-avaliação dos indivíduos sobre seus avanços, dificuldades e superação.

Kaercher (2004, p.78) destaca,

[...] a necessidade que temos de ultrapassar a visão conteudista que temos do ato pedagógico. Visão que prioriza a quantidade, e, não raro, esquece o significado, a razão e a emoção que se trabalha, para o educando. Mais importante é que tenhamos a paixão pelo conhecimento, o gosto pela curiosidade, senão não desenvolveremos nos alunos tais atitudes. Tal paixão é necessária até para que vençamos a ojeriza que os alunos têm pela escola e pelas disciplinas.

O sistema de ciclo de formação na rede municipal na escola Bom Jesus não tem permitido que a avaliação formativa se concretize, pois nos faltam tempo e recursos didáticos.

O reduzido tempo destinado ao planejamento e a quantidade de alunos por professor dificulta, quando não impedi a troca de experiências entre os profissionais, não possibilita que se conheça individualmente o potencial de cada aluno.

Para os professores de área, como é o caso de Geografia e História, por exemplo, a situação é ainda mais dramática, pois o número reduzido de aulas por turma faz com que o professor entre em muito mais salas e tenha, portanto, mais educandos e assim maior dificuldade em identificá-los. É a partir desse contexto que preenchemos as fichas de diagnóstico dos educandos.

Do outro lado dessa relação estão os alunos, ou educandos. Recheados de informações adquiridas no cotidiano fora da escola, vítimas indiretas do sistema

capitalista e dessa nossa economia neoliberal, estes indivíduos vomitam conceitos de cidadania de boutiquinho e fazem da escola espaço de libertinagem.

De acordo com Alves (2009, p. 49), “O aluno parte da realidade a sua volta, sua moradia, sua escola, o trajeto entre casa e escola, sua rua, seu bairro, sua cidade e seu município.”

Conforme apresentado por Alves (2009, p. 49-50):

A educação é um elemento essencial na condição do homem; sendo assim os saberes escolares devem acompanhar a dinâmica espacial; tornando-os sujeitos desalienados.

A escola para eles é o teatro da vida real, cuja peça manifesta a anarquia daqueles que não conseguem e não podem vivê-la durante suas relações sociais fora do ambiente escolar. Ao chegarem dentro da escola crianças, pré-adolescentes e adolescentes vulgarizam o poder da autoridade: professor, coordenador, diretores e demais funcionários parecem estar ali para os servirem como subalternos; sendo tratados como seres irracionais e não dotados de espírito.

Cavalcanti (2005, p. 12), argumenta que:

O trabalho de educação geográfica na escola consiste em levar as pessoas em geral, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam, diretamente ou não, como parte da história social.

O cotidiano vivenciado nas escolas, em especial nas salas de aula do ciclo II, nos mostra que o processo avaliativo que "tentamos" desenvolver contraria não apenas a dinâmica escolar, mas também às concepções teóricas pautadas nas discussões sobre a didática e a prática de ensino em Geografia. Como professoras de "área" temos feito em sala de aula de tudo um pouco, menos desenvolver o conteúdo geográfico.

Segundo Moraes (2001, p.198):

Pensar, julgar e argumentar resultam da atuação permanente sobre o mundo e a interação das crianças com os seus pares. A aprendizagem é uma construção. Pensar é o resultado dessa construção, da ação do sujeito sobre o objeto, de sua transformação, tendo como ponto principal o próprio indivíduo, educando, sujeito ativo em processo permanente de construção.

Tomando como referência a citação acima percebemos que os educandos da Escola Municipal Bom Jesus, precisam transpor as barreiras construídas por eles mesmos e por nós professores e demais gestores escolares. A construção merece ser

executada de forma que o indivíduo aprenda a aprender, aprenda a fazer, aprenda a fazer junto e aprenda a ser (JACQUES DELORS apud HOFFMAN, 2003).

A escola passou de, o local de produção do saber para ser o próprio saber produzido: ela é a materialização da teoria e dos conceitos. No que tange ao estudo da Geografia é fácil perceber nas relações que os educandos produzem na escola e das experiências que levam para dentro do ambiente escolar, a materialização dos conceitos de territorialidade, modos de vida advindos da interpretação da categoria território e do seu uso na corrente teórica conhecida com Geografia Cultural.

A falta de respeito manifestada por estes alunos, ou a indisciplina com nós professores e educadores caracterizam tal comportamento, pensamos que tais atitudes referem-se à alternativa desses alunos para manifestarem a identidade de grupo naquele espaço.

O uso de palavrões, gestos agressivos, o desinteresse pelo estudo, o não desejo de organização das informações que lhes chegam todos os dias são elementos que classificam a territorialidade da juventude transviada das últimas duas décadas.

Na Escola Municipal Jalles Machado Siqueira, temos observado durante este primeiro semestre de 2009 que, embora haja uma maior flexibilidade por parte do corpo gestor e apoio deste no que concerne a experimentar novas praticas pedagógicas, embora tenhamos um menor número de alunos por sala, parte considerável dos educandos apresenta comportamento muito semelhante ao anteriormente descrito.

Temos sentido dentro da sala os efeitos colaterais e frontais da utopia do processo de ensino aprendizagem: professores-profissionais educador-professores não conseguem ensinar e tão pouco aprender coisas novas nesta realidade em que se encontra a escola pública.

A partir deste rápido diagnóstico, percebemos que a escola ao invés de ser o lugar onde e possível a produção do conhecimento, onde aprendemos aquilo que gostamos, ou ainda o lugar onde poderíamos associar aprendizagem e satisfação, a mesma tem se mostrado muito mais como espaço no qual encontramos as adversidades da sociedade, a intenção do Estado, o potencial a ser desenvolvido e fragilidades profissionais e pessoais. Assim vivemos ao mesmo tempo o paradoxo do encantamento e da decepção.

Parafraseando as idéias apresentadas por Cavalcanti (2005, p.47), cumpre ao ensino de Geografia contribuir para a formação da cidadania através da prática de

construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades e valores que possibilitem ao indivíduo ampliar a sua capacidade de compreensão do mundo.

Kaercher (2004, p. 78-79), ao tratar sobre *Onde estão a certeza e a paz que buscamos como professores?* Conduz-nos a algumas reflexões/indagações importantes, mas que percebemos nem sempre os profissionais da educação estão dispostos a fazer. Dentre tais questionamentos o autor aponta a necessidade de termos uma autocrítica constante, ressaltando a necessidade de pensarmos sobre nossa prática pedagógica e se necessário for, até mesmo questionarmos o nosso trabalho.

No início do texto chamamos atenção para o panorama que temos visto instituído em muitas escolas, de colegas professores já cansados de tentar mudanças e que quase sempre conformados com o caos instalado no sistema educacional brasileiro, permanecem na escola apenas para desempenhar função burocrática e quase sempre vão de tentar manter a ordem, cumprir a burocracia e garantir o seu salário, estes professores sim precisam urgentemente repensar as suas práticas e rever o seu trabalho.

Neste desabafo, podemos afirmar que as experiências como professoras iniciantes de Geografia no Ciclo de Formação, tem sido desafiadora. As salas de aula mais se aproximam de um laboratório, onde precisamos desenvolver as experiências de ensinar e aprender.

Eis então o desafio, ensinar e aprender Geografia!

Se quisermos ser a diferença que buscamos ver no mundo, teremos que começar por nós, assim parafraseando Guimarães Rosa “O mundo é longe daqui”, procuremos juntos encontrar o caminho. A tarefa é árdua e pelo caminho encantamento e decepções.

Contudo, se escolhemos ser professores de geografia, e tendo em vista o objetivo que tem que a geografia escolar a cumprir, a multiplicidade de mistérios a serem por esta disciplina desvelados, saibamos então contornar os obstáculos, assim como faz o rio para chegar ao mar.

Continuemos a caminho, a fim de que cedo ou tarde, aconteça a mudança. Mudar requer ser ousado, propor o diferente, reorientar, mudar de curso...assim convidamos todos os professores-profissionais e educadores-professores a embarcarem nessa mágica e maravilhosa viagem.

REFERENCIAS:

ALVES, A.P.A. F., Geografia ensinada – geografia vivida? Conceitos e abordagens para o ensino fundamental no Paraná. **Revista discente expressões geográficas**. Florianópolis, n. 05, ano V, p. 49-60, mai. 2009.

CASTROGIOVANI, A. C. et. al. (Orgs.). **Geografia em sala de aula: praticas e reflexões**. Porto Alegre: AGB, 1998.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e Praticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

FERNANDES. C. de O.; FREITAS, L. C. de. Currículo e avaliação. In: MEC. **Indagações sobre o currículo** (versão preliminar). Brasília: MEC. 2006.

GOIÂNIA. **Diretrizes Curriculares para a Educação Fundamental da Infância e da Adolescência: Ciclos de Formação e Desenvolvimento Humano**. RME: Goiânia, 2006.

HOFFMAN, Jussara. **O cenário da avaliação no ensino de Ciências, História e Geografia**. (1995)

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia escolar na pratica docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Critica**. 2004. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo São Paulo, 2004.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia serve para Entender a Água, o Sangue, o Petróleo...Serve para Entender o Mundo, e, sobretudo, a Nos Mesmos! **CAESURA**. Revista Critica de Ciências Sociais e Humanas (Especial Geografia), Canoas, n.24, p. 77-91, jan./jun. 2004.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia Escolar: Gigante de Pés de barro comendo Pastel de vento num *fast food*?. **Terra Livre**. (Geografia e Ensino), Presidente Prudente, ano 23, v. 1, n.28, p. 27-44, jan./jun/2007.

MORAES, M. C. O paradigma construtivista, interacionista, sociocultural e transcendente. In.:____. **O paradigma educacional emergente**. 7 ed. Campinas - SP: Papirus, 2001. (Coleção Práxis).

PONTUSCHKA, Nibia Nacib. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. Ed. Contexto,2004 2. ed. São Paulo.